

O LUGAR DE FALA NOS POEMAS NEGRO-URUGUAIOS DE VIRGÍNIA BRINDIS DE SALAS

Fernanda Fernandes Dos Santos ¹

Josinaldo Oliveira dos Santos²

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar o lugar de fala nos poemas negro-uruguaio de Virgínia Brindis de Salas. A pesquisa vem analisar, como se dá o lugar de fala, a realidade política, cultural e social representada nos poemas negros uruguaio de Virgínia Brindis de Sala. Utilizalos como metodologia um enfoque qualitativo, exploratório e o procedimento técnico adotado é o bibliográfico. A base teórica é fundamentada em Ribeiro (2017), Gonçalves (1988), Alcoff (2016), Brubaker, Cooper (2001), Roy (2012), Said (2011) e Young (2006). Constatamos que Brindes de Salas apresenta em suas poesias a identidade do negro e a sua cultura, assim como uma atitude militante perante as desigualdades sociais e políticas existentes em sua época. Rompe assim o seu silêncio e uma imagem significativa. Uma postura ativa dentro e fora da literatura, a posicionada como parte do movimento da Negritude.

Palavras-chave: Lugar de Fala. Luta. Afro-uruguaio.

INTRODUÇÃO

A questão do Negrismo e da Negritude na sociedade uruguaia tiveram impacto na história e na literatura, analisaremos a grande escritora Virginia Brindis de Salas, nosso foco principal será caracterizar em suas obras o lugar de fala como pertencentes ao movimento da negritude, e valorizar sua representatividade, o que por vezes é desconhecida ou desvalorizada por sua própria nação.

Seus poemas abordam a realidade social e cultural dos uruguaio negros. Estimule por mudanças no meio social e político de enorme importância para a história

¹ Graduanda em Letras-Espanhol da Universidade Estadual do Piauí, fernandafernandes2106@gmail.com

² Professor Orientador: Mestre, Universidade Estadual do Piauí, donjosinaldo@hotmail.com
Teresina, agosto de 2021.

dos afrodescendentes uruguaios, mas que estão na invisibilidade. Faz uma reflexão a respeito da descolonização do conhecimento, da cultura oriunda de povos africanos e originários, seus costumes e saberes do local de origem, uma identidade construída ao longo dos tempos de escravidão pautada pela opressão e resistência. A necessidade unificar a cultura africana à cultura nacional, e não só em relação luta pelas causas dos afrodescendentes, mas sim de todos os oprimidos pela sociedade.

A indiferença diante do papel dos negros africanos no desenvolvimento desta nação, ocultou a sua voz, a sua contribuição da política, cultura e identidade uruguiaia, o que gerou problemática central da pesquisa a análise em torno de como se dá o lugar de fala, desta realidade nos poemas uruguaios de Virgínia Brindis de Sala.

Primeiro buscamos o conceito sobre o lugar de fala, defendido pela escritora Djamilia Ribeiro que determina o lugar de fala como: o que dá voz para as pessoas de determinado lugar ou grupo que vivenciam a realidade dos mesmos. Como por exemplo, como uma pessoa branca e que sempre fez parte da elite pode representar pessoas negras de bairros marginalizados, se não vivenciou como ser negro de um bairro pobre? Então, está no “lugar” não necessariamente é no espaço físico em si, mas, a experiência, a cultura, identidade, a realidade, a voz silenciada que só certas pessoas saberão pelo que realmente está falando, quem está representado. Outra situação é a representação dos negros e negras, como sujeitos marginalizados dentro do sistema social.

Sabemos que, ainda há um vácuo gigantesco, principalmente no meio político, com a maioria desses cargos ocupados por homens brancos. Queremos ressaltar que, não estamos aqui para calar a voz desses homens brancos, e afirmar que os mesmos não podem se expressar sobre determinado grupo, porque não faz parte dele. Pelo contrário, o nosso objetivo é dar direitos iguais de representação, para todas as classes. Fazer com que tenhamos mais respeito sobre raças, etnias e diversidades.

DESENVOLVIMENTO

Usamos como metodologia a pesquisa de natureza básica, com enfoque qualitativo, o objetivo exploratório e o procedimento técnico adotado é o bibliográfico.

A base teórica é fundamentada em Ribeiro (2017), Gonçalves (1988), Alcoff (2016), Brubaker, Cooper (2001), Roy (2012), Said (2011) e Young (2006).

A temática central encontrada nos poemas de Virginia Brindis de Salas é a negritude. Trazer à tona as questões problemáticas pelas quais os afro-americanos tratados com a desigualdade, racismo, e inferioridade cultural, problemas que estavam bem presentes em seu tempo. A resistência diante deste contexto de opressão iniciado, Virginia uniu-se a negritude através dos seus poemas, uma vez que estes trazem os valores do movimento.

Na primeira seção, apresentamos o conceito de lugar de fala. Mostrar a importância desse termo para literatura. Muito comum nos debates sociais brasileiro há poucos anos. É usado atualmente por diversos ativistas de movimentos sociais. Entretanto, ainda giram muitas dúvidas no que a expressão realmente significa. Onde a autora Djamila (2017) afirma: “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. (RIBEIRO, 2017, p.18)

Na segunda seção, a identidade cultural uruguaia, colocamos os aspectos culturais, que constituem parte da identidade dos afro-uruguaios, sua história e o elementos impactaram nesta construção identitária. As culturas nacionais, produzem sentidos sobre a “nação”, carregadas instâncias simbólicas com as quais podemos nos identificar e construir identidades, sejam elas confluentes ou não, como a narrativa hegemônica. Ou seja, a nação, na modernidade, é um poderoso elemento produtor de identidades.

Na terceira seção, a representação política de grupos marginalizados, tem como objetivo o debate sobre questões de representação dessas minorias, grupos invisibilizados sem direito a voz. Mecanismos que emergem como contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais por grupos privilegiados em espaços de debate público. E utilizados por grupos que historicamente, têm menos espaço para falar. Na defesa da legitimidade para falar sobre o racismo, mulheres sobre o feminismo, transexuais sobre a transfobia em quaisquer espaços.

Na quarta seção, o lugar de fala nos poemas negros-uruguaios de Virginia Brindis de Salas, focado a realidade social, cultural e político dos uruguaios negros. Como sabemos a autora emerge as questões problemáticas pelas quais os

afro-americanos uma discussão profunda em torno da desigualdade, racismo, e inferioridade cultural, problemas constantes em seu tempo.

2 O LUGAR DE FALA

Na sociedade desigual com grupos historicamente marginalizados, surgiram muitas manifestações e sinais de resistência, um deles foi através da literatura. Então, primeiramente posicionamento da origem do termo “o lugar de fala”, definido e utilizado pela escritora, negra, feminista e filósofa, Djamila Ribeiro em seu livro: *O que é lugar de fala?* Publicado em 2017.

Djamila relata que os debates e as histórias de resistências relatadas desde do período escravocrata, porém visibilidade. Em meio a esses debates e movimentos sociais, o termo “lugar de fala” começou a ser utilizado. Mas, o que significa esse termo? Bem sabemos que no meio político os grupos minoritários têm suas vozes caladas, então quem fala por esses grupos? Quem os representa? Pois essas minorias ocupam muito pouco dos espaços políticos, ou seja, não são representadas ou entendidas.

Para responder a essas perguntas, adentraremos o conceito de “lugar de fala” utilizado pela autora, a mesma explica, que a sociedade se mostra conectada a estes grupos de um modo inferior a outros, fazendo com que eles permaneçam em silêncio. Como um comportamento, pré-definido desde os tempos coloniais, colocando os mesmos sujeitos que não os representa não fazem parte do lugar “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. (RIBEIRO, 2017), ou seja, a imagem de um grupo específico ou uma pauta, como por exemplo racismo, sendo assim pessoas negras tem o lugar de fala, porque os mesmos não falam do “outro”, mas de si mesmo, apresentando suas experiências vividas, insignificantes para parte branca sociedade. Importante salientar que, por ser branca e não fazer parte desse lugar não se pode falar “sobre”, tem o objetivo é dar voz a essas classes e não as calar, mas sim, todos terem o direito de se expressar e serem ouvidos, atendidos e compreendidos.

Como a autora Djamila argumenta no trecho de seu artigo de “Giovana Xavier, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e organizadora do grupo de estudos e catálogo *Intelectuais Negras Visíveis*,” na qual ela diz que era uma reivindicação das práticas feministas como sendo negra, cita:

Nesse diálogo, que também se refere a protagonismo, capacidade de escuta e lugar de fala, façamos-nos as perguntas: Que histórias não são contadas? Quem, no Brasil e no mundo, são as pioneiras na autoria de projetos e na condução de experiências em nome da igualdade e da liberdade? De quem é a voz que foi reprimida para que a história única do feminismo virasse verdade? Na partilha desigual do nome e do como os direitos autorais ficam com as *Mulheres negras*, as grandes pioneiras na autoria de práticas feministas, desde antes da travessia do Atlântico. Como herdeiras desse patrimônio ancestral, temos em mãos o compromisso de conferir visibilidade às histórias de glória e criatividade que carregamos. Esse *turnin point* nas nossas narrativas relaciona-se com a principal pauta do feminismo negro: o ato de restituir humanidades negadas. (RIBEIRO, 2017, p.14).

O texto apresenta-se acerca das vozes silenciadas e não ouvidas de mulheres negras, que lutaram pelo feminismo, igualdade e liberdade. Uma sociedade que insiste separar em classes, mulheres brancas privilegiadas e inferiorizam mulheres negras. Defendem um feminismo, apenas por elas mesmas, não tratam pautas específicas a aos grupos variados de mulheres, ou seja, percebemos que o feminismo não conseguia abraçar todas as mulheres, e muitas vezes, não representavam outras próprias mulheres, porque não fazer parte do lugar de fala. Djamila diz:

Interessava, ali, a conquista de direitos para um grupo específico de mulheres, o que se perpetuou durante muito tempo, mesmo quando mulheres negras começaram a escrever sobre a invisibilidade da mulher negra como categoria política e a denunciar esse apagamento. (RIBEIRO, 2017, p.15-16).

O lugar de fala é para trazer à tona vozes que sofrem o silenciamento, dá a liberdade de expressão e igualdade para cada grupo se entender e respeitar o espaço um do outro, não impor uma hegemonia. A partir da sua localização exercer o seu posicionamento através do seu lugar como sujeito ativo na sociedade, e possam ter suas narrativas legitimadas, transformar a sociedade em todos os âmbitos, tornando-a mais justa, seja político, de raça ou gênero.

3 A IDENTIDADE CULTURAL URUGUAIA

O conceito de identidade está associado um processo histórico, cotidiano e político, o qual diferencia os grupos uns dos outros e mantém a organização. Mas também é um desenvolvimento natural, em que os indivíduos, que nascem em um

determinado espaço, território ou um grupo se identificam através de comportamentos, tradições, hábitos ou conhecimentos comuns e frequentes entre eles.

1. Identidade é algo que todas as pessoas têm, ou deveriam ter, ou estão buscando;
2. Identidade é algo que todos os grupos (ao menos os grupos de certo tipo, como étnicos, raciais ou nacionais) têm, ou deveriam ter;
3. Identidade é algo que as pessoas (e grupos) podem ter sem ser cientes disso. Nessa perspectiva, identidade pode ser algo a ser descoberto, e algo que alguém pode estar reclamando (...);
4. Noções fortes de identidade coletiva implicam noções fortes de limites e homogeneidades grupais (...), um claro limite entre o dentro e o fora. (BRUBAKER, COOPER, 2001:12-13).

Enquanto, o conceito de cultura pode ser dado como uma tradição em um tempo-histórico e espaço-geográfico, Wagner Roy fala que “quando falamos sobre 'uma cultura' ou sobre 'as culturas da África', a referência é a tradições geográficas e históricas específicas, casos especiais do fenômeno do homem.” (ROY, 2012, p. 37). E não alcançaram uma definição exata, já que a ideia de cultura se determina em vários conceitos que oferecem significados correlacionados, porém diferentes, em relação a ideia de cultura importa a sua ambivalência no sentido da utilidade cognitiva de se relacionar com o mundo e a humanidade, “criatividade” e seu “efeito regulador”.

Edward Said, descreveu, “A cultura, neste sentido, é uma *fonte de identidade*, e aliás bastante combativas, como vemos recente 'retornos' à cultura e à tradição (SAID, 2011:10-12). Então a cultura é geográfica e histórica, faz parte de um tempo e espaço, é “*fonte de identidade*”, possui “agentes culturais”, e assim, entendemos os conceitos de identidade e cultura.

O Uruguai é um país localizado na parte sudeste da América do Sul. Sua população atualmente gira em torno de 3,5 milhões de habitantes, sendo que, 1,8 milhão vivem na capital chamada Montevideú. Esta população cerca de 88% e 94% têm ascendência mestiça.

Este país faz fronteira terrestre com o Brasil e a Argentina, através do rio da Prata. A maior parte dos afro-uruguaios, que se referem aos uruguaios de ancestralidade negra africana se concentra na capital. Cerca de 15% a 20% da população uruguaia, uma parcela pequena da população em geral. Porém os afro-uruguaios contribuíram muito para a economia e nas manifestações socioculturais. Mas infelizmente, são negligenciados, quanto ao seu papel, no que tange, ao desenvolvimento desta nação.

Sua capital, Montevideu foi fundada pelos espanhóis no século XVIII com fortalezas militares. A independência do Império do Brasil veio logo após entre 1810 e 1828, com a guerra que envolveu Argentina, Brasil, Espanha e Portugal. Os afros-uruguayos não foram apenas escravos nessa época também, serviram como soldados de infantaria e mais tarde se tornaram artesãos, contribuíram com o desenvolvimento econômico do Uruguai entre os séculos XVII e XIX, trouxeram mais riquezas para sua cultura e seu povo.

Outro destaque, além da musicalidade foi influências de danças, como o tango e o candombe, a saber que o rio da Prata serviu como ponto de entrada de escravos africanos. Os espanhóis tentaram barrar o comércio de escravos, mas com escassez de trabalhadores nativos, trabalhadores negros para mão de obra específica, como empregados domésticos para favorecer as elites espanholas. Este comportamento estimulou o comércio escravo na região entre os séculos XVI e XVII. O favoreceu a perpetuação e edificação do ritmo dançante africano pelo país. A dança se desenvolveu até no século XIX, mas se apresentou como uma ameaça para as elites, que passou a proibir música e dança, o que não suficiente, a dança se fortaleceu e se tornou parte das ruas dos salões e da cultura deste país.

As formas culturais, uma vez construídas, são adaptadas a ritmos variáveis pela vida e na sociedade como a cultura. Desta forma, seus símbolos expressam e mantêm uma diferença apresentando sua identidade, composta por dinamismo fluente, não permanece igual sempre. Um conjunto de fenômenos em constantes mutações influenciadas pelo contexto histórico ao qual fabrica e habita aquela sociedade. Assim, entendemos que identidade é pertencimento, isso é demonstrado pelos afrodescendentes uruguayos que compõe parte fundamental da sociedade. Ter uma identidade é inevitável para as sociedades humanas.

4 A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DE GRUPOS MARGINALIZADOS

Na sociedade que vivemos as normas de representação ainda deixam muito a desejar, os grupos marginalizados, não são devidamente representados, não uma influência no meio político ou se fazem ouvidos pelos meios de comunicação. Principalmente, quando se trata de assuntos associados a grupos específicos. A filósofa

Iris Marion Young, professora de ciências políticas da Universidade de Chicago e afiliada ao Gender Studies Center (Centro de Estudos de Gênero) e a seu Programa de Direitos Humanos, em sua obra fala sobre “Representação Política, Identidade e Minorias” relata:

Por essas razões, muitas propostas recentes de maior inclusão política nos processos democráticos defendem medidas que propiciem maior representação dos grupos sub-representados, especialmente quando esses grupos são minorias ou estão sujeitos a desigualdades estruturais. Ativistas dos movimentos de mulheres de muitos cantos do mundo, por exemplo, apontam que legislaturas ocupadas majoritariamente por homens não podem representar devidamente as mulheres. (YOUNG, 2006, p. 140).

Atualmente, muitas medidas têm sido tomadas com objetivo de inserir as mulheres no campo da política, associando-as em partidos políticos, alcançando uma maior representatividade feminina. Porém, como a lei não exige, muitos países não tomam os devidos posicionamentos. Em relação a representação específica de minorias raciais ou étnicas, e suas propostas vemos que não saem do papel, ainda estão sendo discutidas o que desmerece a imagem dessas classes. O que agrava a situação é surgem cada vez mais argumentos contrários, que reproduzem uma representatividade negativa, o que acentua as diferenças sociais e enfatizam pensamento colonial.

Diferenças de raça e de classe perpassam o gênero, diferenças de gênero e etnia perpassam a religião e assim por diante. Os membros de um grupo de gênero, raciais etc. têm histórias de vida que os tornam muito diferentes entre si, com diferentes interesses e diferentes posicionamentos ideológicos. Assim, o processo unificador requerido pela representação de grupos buscaria congelar relações fluidas numa identidade unificada, o que pode recriar exclusões opressivas. (YOUNG, 2006, p. 142).

Young se posiciona afirma que a crítica não afeta a esses grupos marginalizados, pois estes acreditam numa realidade onde estas medidas são a melhor forma de dar voz aos excluídos. Ressalta as práticas representativas diferenciada, uma forma ativa de inclusão, de modo geral na política.

Essas supostas diferenças da representação especial desses grupos excluídos e marginalizados, só trariam uma política mais democrática. “Conceitualizo uma distinção entre interesses, opiniões e perspectivas e identifico seus respectivos papéis na participação política. (YOUNG, 2006, p. 143). Reafirmando que os grupos minoritários étnicos e raciais em situações desfavoráveis são os que mais carecem de voz ativa na política.

A desigualdade política de grupos menos privilegiados estão visíveis nas democracias de hoje, mas a falta de estrutura acaba os excluindo. Assim, como Young menciona: “Assim, as pessoas pobres e da classe trabalhadora frequentemente não têm seus interesses e perspectivas tão bem representados quanto os das pessoas das classes média e alta.” (YOUNG, 2006, p. 169).

A inclusão dos grupos sociais desprivilegiados tem uma importância bem maior para a sociedades futuras as quais temos a expectativa de mostrarem reduziria sem estas desigualdades estruturais. Pois nos dias de hoje, os movimentos sociais alcançam cada vez, demonstra novas formas de reproduzir e dar voz a esses grupos, seja em espaços públicos, privados ou meios de comunicação.

5 O LUGAR DE FALA NOS POEMAS NEGRO-URUGUAIOS DE VIRGÍNIA BRINDIS DE SALAS

A poesia de Virgínia Brindis de Salas evoca com maestria a realidade social e cultural do Uruguai negro no início do século 20 e denuncia permanentemente a opressão e a desigualdade racial. Tem a intenção de promover as mudanças sociais naquele país; exemplifica a cruzada da poetisa por solidariedade, igualdade e dignidade. A poetisa viveu e politizou contexto dos afrodescendentes de perto, mas também se posicionou publicamente em outras temáticas que a desafiavam, como a Guerra Civil Espanhola. Por meio de suas discussões políticas, literárias e filosóficas da década de 1940, se solidarizou, lutou e sofreu por múltiplas causas, que se refletem em sua obra.

A autora transmite críticas, que possivelmente, que refletem através seus protagonistas, especialmente, mulheres de bairros marginalizados, não hesita em atacar com seus versos aqueles que os oprimem e rejeitam. Defende direitos e denuncia a injustiça. Seria natural que parques, pontes e avenidas uruguaias levassem seu nome em sua homenagem, mas Virginia Brindis de Salas jaz esquecida em algum canto de um cemitério.

Seu primeiro livro, Pregón de Marimorena lançado no ano de 1946, no qual Virginia relata através da poesia a injustiça da vida de Marimorena, a protagonista que vende jornais para sobreviver, mostra a identidade cultural, o cotidiano dos povos

marginalizados. O nome “Marimorena” demonstra que a autora estava especificando a mulher afro.

“Toma mi verso

Marimorena

yo sé que lo has de beber

como una copa de alcohol,

a cambio de él

quiero tu angustia

Marimorena.

Quiero tu angustia,

quiero tu pena,

toda tu pena

y el tajo de tu boca

cuando ríes

como una loca

Marimorena,

toda ebria

más que de vino,

de miseria.

Tu voz,

que nunca arrulló

a tus hijos

ni a tus nietos

y es voz de paria

arrulla mimosamente

toda la prensa diaria.

Y no hay quien te haga callar
por dos vintenes un diario
no hay quien deje de comprar
para aliviar tu sudario.

Déjame ver tu cara
Marimorena,
que la atención acapara
causando lástima y pena.

Cuánto te deben
Marimorena,
esos que escriben
y que tú pagas
con tus vintenes,
con tus pregones,
por la mañana
y por la tarde
miles de veces;
en cambio tú
pagas con creces;
su periodismo,
su propaganda politiquera
todais sus lacras, su egoísmo,
sus fementidas torpes carreras.

Marimorena

todos los días vende los diarios;

tiene una pena

Marimorena

y es su sudario.”

Esta poesia de Virgínia Brindis de Salas nos aponta o encontro entre as diferenças identitárias. Se apresenta como uma poesia social, que coloca nosso tempo presente além do tempo. Mostra aspectos como a discriminação, o reconhecimento de culturas e diferenças permanentes por natureza, uma urgência histórica. Nesse sentido, o reconhecimento da negritude vai além de uma reivindicação histórica ou inclusão linguística. Virginia Brindis de Salas trouxe contribuições e a inclusão da raça negra, em um país e um continente, que parece escrever a história de um único ponto de vista.

Cristina Burgueño disse: “um poeta que é amplamente incluída nas antologias da poesia negra latino-americana, embora desconhecida em seu país e ignorada em suas histórias literárias, em parte porque a cultura dominante não considera importante a contribuição afro-uruguaia à cultura nacional”. Seria tão importante a inclusão desta poetisa um lugar de destaque na literatura uruguaia, dar a ela o canto social de seu verso funda no poema o lugar onde as vozes dos oprimidos se elevam e se unem.

Em seu segundo livro, chamado Cien Cárceles de Amor, lançado em 1949, encontra-se algumas referências religiosas, tanto católicas quanto africanas, bem como a denúncia da opressão e a desigualdade racial. E questões de classe, gênero e etnia:

“Espíritu vuelto de los cañaverales

del Tafiá, Padre, del rencor

y de la ira,

negro: implora al

Legbá, Dembolá, Uedó, Avidá.

Yo negra soy,

porque tengo la piel negra.

¡Esclava no! . . .”

A sua voz poética articula a perspectiva de uma mulher negra (“escrava não!”). Incentiva o negro a se emancipar. Desse ponto de vista, a abordagem de Guadalupe é errônea, ao afirmar que a poetisa se afasta de seu “eu feminino” para se dirigir a “todos os seres da planície”. É a partir de seu lugar (lugar de fala) de mulher e afrodescendente, que Virginia Brindis de Salas constrói seu discurso poético.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Abordagem social e cultural dos uruguaios negros trouxe a importância em promover mudanças no meio sócio político para a história dos afrodescendentes. Como já mencionamos, a escritora afro uruguaia seus poemas e toda a história dos afro-uruguaios nas universidades acadêmicas não alcançaram a visibilidade e importância enriquecedora como se houvesse uma “descolonização do conhecimento.

A representação política dos grupos marginalizados, onde foi abordado muito a questão da sub-representação dos grupos minoritários. Apresentados como lugar de fala nos poemas negros-uruguaios de Virginia Brindis de Salas, destacado nos dois poemas analisados.

A leitura crítica e enfática sobre temáticas cada vez mais discutidas nas academias. Mostram Além da visibilidade à história, cultura e identidade dos afro-uruguaios. Tais temas abordados como lugar de fala, através dos poemas, Virginia emergem a história dos sofrimentos passados nos tempos coloniais e dá voz aos trabalhadores daquele tempo, alcançando a sensibilidade do leitor.

A autora demonstra em seus poemas do nível morfológico até o semântico, o retrato real das populações negras; suas lutas, sua história, e sua cor são escritas através do lugar de fala, que permite visualizar a realidade, bem longe do que se vivenciava sobre negrismo das vanguardas europeias.

Assim, Virginia Brindis de Salas debate o aspecto cultural, racial, de militância e identidade como base essencial na construção de suas poesias. Fica evidente a discussão que se dá entre suas obras e o movimento da negritude, sua poesia destaca, compreende na atualidade, o que chamamos de Literatura-Afro ou Literatura Negra. Uma literatura,

que só foi possível ser amostrada através dos vários movimentos, que eclodiram nas décadas de 1920, assim a necessidade urgente de se analisar o movimento da negritude, como destaque, se faz bastante valoroso em qualquer época e espaço.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda. 1991. “The problem of speaking for others”. *Cultural Critique*, n.º 20, p. 5-32.

BRUBAKER, Roger; COOPER, Frederick. Más allá de 'identidad'. Apuntes de Investigación del CECyp, n7, 2001. Disponível em <http://comunicacionycultura.sociales.uba.ar/files/2013/02/Brubaker-Cooper-espanol.pdf> Acesso em 12 jul 2021.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas*. Cortez, 2006.

LEWIS, Marvin A. Our race: modern afro-uruguayan poetry. In: *Afro-Hispanic Poetry, 1940-1980: from slavery to “Negritud” in South American Verse*. Columbia, MO: University of Missouri Press, 1983. p. 9-45.

YOUNG, Iris M. *Representação política, identidade e minorias*. Lua Nova, São Paulo, 67: 139-190, 2006.

_____. 1997 “Deferring group representation”. In: SHAPIRO e KYMLICKA (orgs.), *Ethnicity and group rights (Nomos 39)*, cit.

_____. 1995. “Rawls’s Political liberalism”. *Journal of Political Philosophy*, vol. 3, n.º 1, p. 181-190.

_____. *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

_____. Virginia Brindis de Salas vs. Julio Guadalupe: A Question of Authorship. *Afro-Hispanic Review*, vol. 12, no. 2, p. 26-30, Fall 1993.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento/Justificando, 2017.

ROY, Wagner. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.